



# Escrever dores e lutas: relato de experiência de oficinas de combate à misoginia e ao feminicídio

RENATA ARGOLO DOS SANTOS  
MARTHA ROSA FIGUEIRA QUEIROZ  
LIRIEL DO ESPÍRITO SANTO ALMEIDA

Escrever pain and struggle: an experience  
report on workshops to combat misogyny and  
femicide

Escrever pain and struggle: an  
experience report on workshops to  
combat misogyny and femicide

**PALAVRAS-CHAVE**  
ESCREVIVÊNCIA.  
ESCRITA CRIATIVA.  
VIOLÊNCIA.  
RESISTÊNCIAS.

**RESUMO** O presente texto consiste no relato da oficina “Escrita criativa: mulheres, arte, violações e resistências”, desenvolvida pelo Projeto de Combate ao Feminicídio e à Misoginia de Estudantes da UFRB, uma iniciativa da PROPAAE/UFRB com o apoio do Ministério das Mulheres. O objetivo é registrar o processo de concepção, aplicação e avaliação da oficina, que ocorreu em quatro edições, realizadas entre julho de 2024 e junho de 2025. As fontes utilizadas foram os relatórios, debates e materiais produzidos ao longo dessas edições. Destaca-se, na estruturação da oficina, o papel central da categoria Escrevivência, conforme concebida pela escritora Conceição Evaristo. A escrita criativa, enquanto metodologia, em diálogo com a proposição da autora, demonstrou-se potente ao envolver todas/os participantes na tarefa de levantar dados sobre situações de violação e estratégias de resistência. Como resultado, foi produzido um amplo mapa de registros orais, imagéticos e textuais, que revelam as percepções das/os participantes sobre conceitos como misoginia, machismo e correlatos; as percepções das mulheres sobre sua segurança nos espaços de sociabilidade que ocupam; assim como a identificação de alternativas de enfrentamento às violências misóginas, especialmente o feminicídio. A análise dos dados encontra-se em andamento, com indícios promissores de outras contribuições.

**KEYWORDS**  
ESCREVIVÊNCIA [LIVE-  
WRITING].  
CREATIVE WRITING.  
VIOLENCE.  
RESISTANCES.

**ABSTRACT** This paper presents a report on the workshop “Creative Writing: Women, Art, Violations and Resistances”, developed by the Project to Combat Femicide and Misogyny by UFRB students, an initiative of PROPAAE/UFRB with the support of the Ministry of Women's Affairs. The aim is to document the process of designing, delivering, and evaluating the workshop, which was held in four editions between July 2024 and July 2025. The sources include reports, debates, and materials produced throughout these editions. The concept of Escrevivência [live-writing], as conceived by writer Conceição Evaristo, was central to the structure of the workshop. Creative writing, as a methodological approach in dialogue with Evaristo's propositions, proved to be powerful in engaging all participants in the task of gathering data on experiences of violation and strategies of resistance. As a result, a comprehensive mapping of oral, visual and textual records was produced, revealing participants' perceptions of concepts such as misogyny, male chauvinism and related terms; women's assessments of their own safety in the social spaces they inhabit; as well as the identification of strategies to confront misogynistic violence, particularly femicide. The data analysis is still ongoing, with promising indications of further contributions.

1  
Financiamento: Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas (PROPAAE/UFRB) e Ministério das Mulheres.

**RENATA ARGOLO DOS SANTOS**

Mestra em Ciências Sociais, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

*E-mail:* renataargolo@aluno.ufrb.edu.br

**MARTHA ROSA FIGUEIRA QUEIROZ**

Pós-doutora em Educação, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UNIRIO).

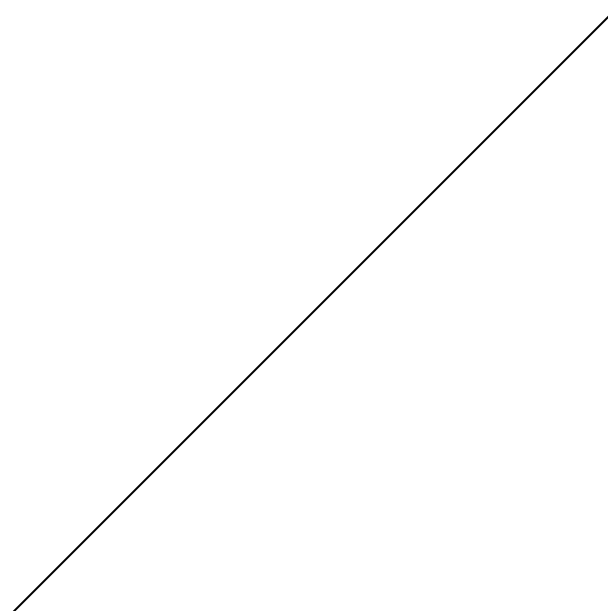
*E-mail:* mrosa@ufrb.edu.br

**LIRIEL DO ESPÍRITO SANTO ALMEIDA**

Graduanda do Bacharelado

Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

*E-mail:* lirielaalmeida@aluno.ufrb.edu.br



**INTRODUÇÃO** O presente relato registra ações desenvolvidas no âmbito do Projeto de Combate ao Femicídio e à Misoginia de Estudantes da UFRB, com início em abril de 2024, realizado através da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em parceria com o Ministério das Mulheres do Governo Federal. O projeto tem como objetivo promover atividades para o levantamento de dados e proposição de ações no campo de combate ao feminicídio, misoginia e outras violações contra as mulheres na comunidade acadêmica de todos os *campi* da UFRB e nos territórios dos seus entornos. A experiência aqui relatada foi conduzida pela equipe atuante no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), em Santo Amaro.

Cada equipe, composta de maneira geral por uma docente, discentes bolsistas e voluntárias, e uma articuladora de campo, desenvolveu metodologias próprias para o alcance dos objetivos propostos pelo

projeto. A equipe do CECULT elegeu o conceito de Escrivivência, da intelectual Conceição Evaristo, como caminho para estruturar oficinas de escrita criativa para as ações de pesquisa e formação no projeto no campus de Santo Amaro, com uma proposta de oficina nomeada de “Escrita criativa: mulheres, arte, violações e resistências”, e neste relato trazemos a experiência de desenvolvimento, aplicação e aprimoramento da mesma.

**METODOLOGIA** O desenvolvimento da oficina levou em consideração a criação de uma metodologia que dialogasse diretamente com as questões de interesse do CECULT, portanto, evocando linguagens culturais e artísticas, e a necessidade de alcance dos objetivos do projeto. Estes estão relacionados ao levantamento de dados sobre as realidades e compreensões das comunidades acadêmica e externa na cidade de Santo Amaro a respeito do feminicídio e outras violências misóginas, além de realizar registros das ações de resistências, assim como o desenvolvimento de processos de formação e reflexões sobre essas temáticas com as/os participantes.

Nosso primeiro desafio foi articular uma metodologia que pudesse trabalhar com diferentes linguagens, relato oral, desenho, escrita etc., de maneira a engajar a participação e identificação das/os presentes, e resultasse em uma produção de dados que pudesse ser organizada e analisada de forma coerente na pesquisa desenvolvida. Chegamos ao consenso pela realização de uma oficina baseada em métodos de escrita criativa, que nos permitisse trabalhar com diferentes linguagens, aproximar elementos artísticos e que também resultasse em produtos significativos.

De acordo com Luís Roberto Amabile (2020), as definições de “escrita criativa” são muitas vezes nebulosas, associando-a apenas a determinados gêneros como poesia, peças, e principalmente à ideia de que a criação está vinculada de forma mais estrita à ficção. Contudo, “[...] essa definição restringe os limites da Escrita Criativa e a descreve como meramente expressiva, não investigativa, questionadora, complicada, sonhada ou complexa (Macvean, 2016. p. 13 *apud* Amabile, 2020, p. 136).

Portanto, é nessa complexidade que evocamos a noção de escrita criativa em nossas oficinas, compreendendo sua relevância no registro de memórias, elementos autobiográficos, relatos, denúncias e proposições. Outra questão levantada por Amabile (2020) é enxergar a escrita criativa como laboratório textual, no qual, mais do que modelos, objetiva-se oferecer instrumentos. Assim, convocamos diversos instrumentos que extrapolam a própria escrita, e avançam em outras linguagens artísticas, para fornecer um local de experimentação para a expressão das reflexões e experiências a respeito da misoginia e do feminicídio em nossos encontros.

Com essa perspectiva firmada, continuamos nossas reflexões coletivas no processo de criação da metodologia das oficinas, e nesse percurso a noção de Escrivivência se configurou como um elemento essencial. Na obra de Evaristo, a Escrivivência surge como um processo associado à vivência de pessoas negras, especialmente à narrativa de vida de mulheres negras, na criação de uma escrita que se baseia na valorização dessas vivências em suas diferentes possibilidades de escrita e na potência dos ensinamentos e reflexões advindos delas.

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que

remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (Machado; Soares, 2017, p. 206 apud Neves; Heckert, 2021, p.143).

De maneira que, ao escrever suas vivências, as pessoas que participam da oficina nos ajudam a conectá-las com outras vivências, explicitando as experiências pessoais e coletivas envolvidas nesses processos de violações, em diálogo com análises sobre os elementos estruturais de violência de gênero que configuram esses fenômenos. Nas palavras de Conceição Evaristo (Guzzo, 2021), “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos”.

Assim, organizamos nossa oficina a partir de três momentos que visam sensibilizar, diagnosticar e produzir, junto com as/os integrantes, dados a respeito das violações contra mulheres.

O primeiro deles, “Momento de Sensibilização”, é a etapa responsável por contextualizar a temática abordada e provocar o compartilhamento de opiniões e experiências. Utilizamos uma *playlist* com músicas que abordam as violências contra mulheres e atitudes de resistência às mesmas, assim como compartilhamos entre as/os participantes uma colagem de imagens que apresenta elementos ligados à temática, para que, após esse processo de observação e reflexão, possam produzir de forma livre desenhos, poemas, relatos escritos, frases ou outras linguagens que escolham para expressar suas percepções e opiniões sobre o tema.

Após o compartilhamento das produções, partimos para a nossa segunda etapa, “Momento de Diagnóstico”. Nela, além da conceituação de noções relevantes para o projeto, como misoginia e feminicídio, apresentamos alguns dados a respeito desse cenário no Brasil e na Bahia, a fim de contribuir com o objetivo formativo da oficina.

Apesar de não se limitar à definição a seguir, feminicídio pode ser compreendido como “[...] um continuum de violências sofridas pelas mulheres que tem como desfecho trágico a morte violenta destas simplesmente por serem do sexo feminino” (Santos, 2021, p. 43), um conceito bastante utilizado em nossas oficinas e tem sido importante também em diálogos teóricos.

Quanto aos dados, entre 2017 e 2024, a Bahia registrou 790 feminicídios<sup>2</sup>, ou seja, a cada três dias uma mulher foi vítima, informação que foi recebida com espanto pelos grupos e se tornou motivo de maior abertura para a exposição de suas vivências com as temáticas propostas. Ademais, apesar de o principal perfil das vítimas de feminicídio no Brasil ser mulheres adultas, negras e não solteiras, esse é um fenômeno que extrapola a dimensão individual ou particular de determinado contexto. Infelizmente, a violência é cada dia mais “democrática”, e em nossas oficinas quase todas as participantes têm uma situação para relatar, sejam atingidas direta ou indiretamente, quando a violência vitima mulheres da família, amigas ou conhecidas, o que também se expressa na fala dos participantes homens, mesmo que em menor grau.

Por fim, trabalhamos nessa etapa com o método de Mapa de Palavras, também conhecido como “nuvem de palavras”, que tem por objetivo criar uma representação visual da recorrência de palavras ou sentidos em determinados contextos, a fim de facilitar a análise de dados, e na oficina permite a visualização das opiniões das/os participantes acerca de três questionamentos centrais: “O que é violência contra

2 Segundo o “Infográfico de Feminicídios na Bahia 2025”, organizado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), em parceria com a Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA).

mulher?”, “O CECULT e/ou Santo Amaro são ambientes seguros para mulheres?” e “Quais são as possíveis estratégias de combate e resistência a essas violências?”.

Além de responderem a essas questões com uma palavra ou frase curta, escrita em tiras de papel, também tivemos um momento de escuta sobre o porquê daquelas escolhas. Nesse sentido, o debate sobre a pergunta final é especialmente relevante, já que buscamos elencar nesta pesquisa sugestões e provocações dos/as participantes quanto ao enfrentamento às violências contra mulheres, a fim de compor um de nossos produtos finais, a proposição de ações de combate à misoginia e ao feminicídio para o CECULT e órgãos responsáveis na cidade de Santo Amaro.

Por fim, nossa última etapa é o “Momento de Ressignificação”. Diante da consciência de que nossas oficinas lidam com temáticas sensíveis e que, na maioria das vezes, são espaços de desabafo e compartilhamento de relatos de violências, buscamos uma maneira de encerrá-las provocando também sentimentos de esperança e resistência. Portanto, nessa fase utilizamos dinâmicas em que elementos de violência são resignificados, a exemplo da reescrita de sambas de roda que tenham em suas letras originais elementos misóginos, ou da recriação de textos jornalísticos acerca do feminicídio e outras violações, transformando-os em notícias mais positivas e propositivas para a vida das mulheres.

Além das etapas descritas anteriormente, alguns outros elementos de organização são relevantes para nossa metodologia, como a organização da equipe quanto ao revezamento de funções na aplicação das etapas, registro fotográfico das oficinas e relatoria da atividade, sendo esse último elemento essencial ao nosso trabalho posterior de análise dos dados produzidos nas oficinas.

Ademais, ressaltamos como o desenvolvimento dessa metodologia também pode ser adequado e flexibilizado para cada oportunidade na qual aplicamos as oficinas, tendo em vista a quantidade e a identidade/especificidade das/os participantes, espaço, recursos e tempo disponibilizado. Em condições ideais, a oficina tem duração de cerca de 4 horas, contando também com um intervalo de meia hora entre a primeira e a segunda etapa para um *coffee break*. Os principais materiais utilizados são a colagem, manchetes, dados estatísticos e músicas que são apresentados para a observação das/os participantes, bem como caixa de som, projetor para *slides*, cartolina, fita adesiva, papel ofício branco e colorido, tesoura, lápis e canetas coloridas.

Por fim, destacamos também que nossa oficina está em consonância com política extensionista da UFRB (RESOLUÇÃO CONAC/UFRB Nº 057/2022) e com uma atuação acadêmica pautada na ética, ao se efetivar em pleno diálogo com a comunidade externa à UFRB e ao contribuir na busca por soluções para um problema social de extrema gravidade: as violações contra a humanidade das mulheres, em especial o feminicídio, que infelizmente toma dimensões epidêmicas na atualidade. A articulação com a pesquisa e o ensino esteve presente, considerando a dimensão investigativa e crítica vivenciada no processo de construção e realização da atividade, e sua aplicação em diferentes momentos formativos das graduações da UFRB, inclusive com turmas vinculadas ao PIBID e da educação básica. Assim, a atividade extensionista em questão cumpre importante papel na formação crítica e comprometida socialmente do corpo

discente da UFRB.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES** Além da oficina piloto, realizada em julho de 2024, em Cachoeira-BA, primeira experiência de aplicação da nossa metodologia e que nos auxiliou na sua compreensão e nos ajustes necessários para o seu aprimoramento, realizamos até então quatro oficinas na cidade de Santo Amaro, sendo duas com o público interno do CECULT e duas com a comunidade externa, com terreiros de Candomblé da cidade. A primeira experiência com o público acadêmico ocorreu em novembro de 2024, aberta às/aos discentes do CECULT. A segunda, voltada para discentes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto História e Licenciatura Interdisciplinar em Artes.

Nossas duas experiências com o público externo foram realizadas em terreiros de Candomblé da cidade de Santo Amaro, a primeira em julho de 2024, no Ilê Axé Oju Onirê, durante a programação do Festival Oju Elemi, organizado pelas mulheres do terreiro em celebração ao Julho das Pretas, marco simbólico para celebrar a resistência e relevância de mulheres negras no Brasil. A segunda experiência foi no Terreiro Caboclo Mata Virgem, em maio de 2025.

Apesar da proposta de um ambiente aberto para homens e mulheres, nosso público foi majoritariamente composto por mulheres nas quatro experiências realizadas até o presente momento. Atingimos pessoas de 19 a 70 anos, com o predomínio da faixa etária de 25 a 35 anos, com maior faixa etária principalmente nas oficinas com público externo. O público interno foi formado por discentes da UFRB, vinculados ao CECULT e de diferentes cursos. O público externo pode ser caracterizado por membros de comunidades tradicionais afro-religiosas da cidade de Santo Amaro. Houve variação de quantidade de público tanto nas oficinas internas, quantos nas externas, sendo de 8 e 22 participantes nas realizadas com os discentes, e 10 e 20 com o público dos terreiros, de maneira que nas quatro oficinas base para esse texto contamos com 60 participantes no total.

Organizar e realizar a oficina em questão foi um processo profundo de troca, escuta e atravessamentos. Idealizamos essa proposta com o desejo de criar um espaço onde a escrita não fosse apenas um exercício técnico, mas uma forma de utilizar da arte e da cultura como elementos de denúncia, cura e reexistência. Inspiradas na Escrivivência proposta por Conceição Evaristo, entendemos desde o início que seria necessário mais do que palavras: seria preciso presença, afeto e coragem.

A oficina foi estruturada em três momentos e cada um tem como objetivo orientar as/os participantes em um percurso de reconhecimento das diferentes formas de violências articuladas contra mulheres, e assim possibilitar a produção de dados relevantes aos objetivos do projeto.

No “Momento da Sensibilização”, buscamos também conhecer melhor cada participante, mulheres e homens de diferentes vivências e diferentes percepções. Os resultados desse momento causaram algumas inquietações, mulheres choraram, desenharam, outras escreveram. Possivelmente, esse momento se configura em um lugar onde a dor pode ser nomeada sem julgamento, para outras é preferível guardar na memória e preservar o silêncio. Esse é um processo que envolve também saber mediar esses sentimentos, que não atingem apenas às/aos participantes,

mas também a nós, que mediamos esse espaço e nos expomos a todos esses relatos.

Na fase do Diagnóstico, as perguntas orientadoras sobre o nível de segurança ou insegurança que marcam os ambientes em que as/os participantes vivem são relevantes para a avaliação do que pode ser melhorado ou combatido. Até o momento, uma maioria de mulheres respondeu que existem muitas inseguranças ao circularem pela cidade sozinhas, ou até mesmo dentro do ambiente universitário, em contraponto com alguns homens, que afirmam que era a primeira vez que eles refletiam sobre isso.

Surgiram relatos de silenciamento e medos cotidianos, mostrando como o feminicídio não acontece só no ato extremo da morte, mas começa com pequenas mortes diárias: a perda da autoestima, a negação da voz, o medo constante. Também analisamos o nível de envolvimento e interesse dos homens em falar sobre suas percepções de violência e o quanto esse é um diálogo que ainda está distante para a maioria deles. A presença desses sujeitos tem sido minoritária, mesmo com as chamadas das oficinas não sendo direcionadas apenas às mulheres. Um elemento que escancara, inclusive, uma noção arraigada de que espaços de debate sobre gênero são somente para mulheres, o que gera diferentes processos, do deslocamento à indiferença, do medo de se expressarem à noção de que não teriam um “lugar de fala”, ou mesmo da imposição da própria opinião.

Essa mediação da presença dos homens é um elemento relevante e que demanda nossas reflexões e a criação de métodos de gestão desses espaços, visto que esse pode ser um elemento inibidor da fala das mulheres ou gerar certa quebra na criação de um espaço considerado seguro para seus relatos. Contudo, também destacamos que esse é um desafio importante a ser enfrentado, visto que nos interessa a provocação, formação e envolvimento dos homens nesse processo. Reflexão que também é compartilhada por algumas das participantes, que destacam a relevância de uma educação de meninos e homens voltada ao enfrentamento da misoginia.

Algumas pessoas escreveram pela primeira vez na vida sobre a temática, outras reencontraram uma voz que havia sido calada há anos. Cada palavra escrita ou falada é também uma palavra libertada, assim, entendemos com mais profundidade o que Conceição Evaristo queria dizer quando falava de transformar a dor em escrita e a escrita em luta. Ao final da oficina, algo muda nas/os participantes e também em nós, que somos atravessadas pelo conteúdo de cada oficina, que segue uma mesma metodologia, mas não os mesmos desenvolvimentos e resultados. Fomos ouvintes, aprendizes e testemunhas de mulheres que ousaram contar suas histórias e se reerguerem com suas próprias palavras. As oficinas têm reafirmado que a arte salva, que a escrita denuncia, e que quando mulheres se juntam para contarem o que viveram, elas também constroem o que poderão viver.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** Aqui objetivamos apresentar, mesmo que de forma breve, nosso percurso de desenvolvimento e experimentação metodológica, em diálogo com a noção de Escrivência, na busca por ferramentas que auxiliam na missão do nosso projeto de combate à misoginia e ao feminicídio, a partir do levantamento de dados, ações formativas, acolhimento de relatos e criação coletiva de estratégias de

combate às violências de gênero e suas intersecções.

O projeto se encontra em andamento, com finalização prevista para novembro de 2025. Nossas oficinas ainda serão realizadas com outros públicos, como servidores técnicos/as e terceirizados/as do CECULT, além de públicos externos, escolas públicas e comunidades quilombolas da cidade de Santo Amaro. Experiências que, sem dúvida, acrescentarão outros resultados e elementos relevantes nesse percurso.

Por fim, ao apresentarmos a sistematização dessa metodologia e nossas experiências na aplicação das oficinas, objetivamos compartilhá-las com o intuito de expandir as possibilidades de uso e adaptação da mesma em outros contextos, contribuindo assim para os campos da pesquisa e extensão, e mais especificamente para o combate às violências que também se estruturam em nossos ambientes universitários.

#### REFERÊNCIAS

AMABILE, L. R. Do que estamos falando quando falamos de Escrita Criativa. *Revista Criação & Crítica*, v. 28, p. 132-149, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.i28p132-149>. Acesso em: 5 ago. 2025.

GUZZO, M. **Conceição Evaristo**: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. Portal Catarinas, 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrói-a-historia-brasileira/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

SANTOS, É. T. dos. **Morte de mulheres negras**: uma análise interseccional do crime de feminicídio. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2021.

NEVES, G. S.; HECKERT, A. L. C. Escrevivência: uma ferramenta metodológica de análise. *Mnemosine*, v. 17, n. 1, p. 139-162, 2021. DOI: 10.12957/mnemosine.2021.61847.

**RESOLUÇÃO CONAC/UFRB Nº 057, DE 23 DE MAIO DE 2022.** Disponível em: [https://ufrb.edu.br/soc/components/com\\_chronoforms5/chronofoms/uploads/documento/20220525111544\\_Resolucao\\_CONAC\\_57\\_2022.pdf](https://ufrb.edu.br/soc/components/com_chronoforms5/chronofoms/uploads/documento/20220525111544_Resolucao_CONAC_57_2022.pdf). Acesso em: 21 mar. 2026.